

**Tempo de Quaresma (e não Tempo da Quaresma)**  
**Tempo de Conversão (percebamos o que é a conversão!)**  
**Tempo de Mudança (percebamos o significado de 40, de quarentena!)**

Para refletirmos com mais profundidade sobre este tema, começemos por re (ler) parte da Mensagem do Papa Francisco para a Quaresma 2022 e que distribuimos em separado e na íntegra.

**“Não nos cansemos de rezar.** Jesus ensinou que é necessário «orar sempre, sem desfalecer» ( Lc 18, 1). Precisamos de rezar, porque necessitamos de Deus. A ilusão de nos bastar a nós mesmos é perigosa. Se a pandemia nos fez sentir de perto a nossa fragilidade pessoal e social, permita-nos esta Quaresma experimentar o conforto da fé em Deus, sem a qual não poderemos subsistir (cf. Is 7, 9). No meio das tempestades da história, encontramos-nos todos no mesmo barco, pelo que ninguém se salva sozinho [2]; mas sobretudo ninguém se salva sem Deus, porque só o mistério pascal de Jesus Cristo nos dá a vitória sobre as vagas tenebrosas da morte. A fé não nos preserva das tribulações da vida, mas permite atravessá-las unidos a Deus em Cristo, com a grande esperança que não desilude e cujo penhor é o amor que Deus derramou nos nossos corações por meio do Espírito Santo (cf. Rm 5, 1-5).

**Não nos cansemos de extirpar o mal da nossa vida.** Possa o jejum corporal, a que nos chama a Quaresma, fortalecer o nosso espírito para o combate contra o pecado. *Não nos cansemos de pedir perdão no sacramento da Penitência e Reconciliação*, sabendo que Deus nunca Se cansa de perdoar [3]. *Não nos cansemos de combater a concupiscência*, fragilidade esta que inclina para o egoísmo e todo o mal, encontrando no decurso dos séculos vias diferentes para fazer precipitar o homem no pecado (cf. Enc. *Fratelli tutti*, 166). Uma destas vias é a dependência dos meios de comunicação digitais, que empobrece as relações humanas. A Quaresma é tempo propício para contrastar estas ciladas, cultivando ao contrário uma comunicação humana mais integral (cf. *ibid.*, 43), feita de «encontros reais» (*ibid.*, 50), face a face.

**Não nos cansemos de fazer o bem, através duma operosa caridade para com o próximo.** Durante esta Quaresma, exercitemo-nos na prática da esmola, dando com alegria (cf. 2 Cor 9, 7). Deus, «que dá a semente ao semeador e o pão em alimento» (2 Cor 9, 10), provê a cada um de nós os recursos necessários para nos nutrirmos e ainda para sermos generosos na prática do bem para com os outros. Se é verdade que toda a nossa vida é tempo para semear o bem, aproveitemos de modo particular esta Quaresma para cuidar de quem está próximo de nós, para nos aproximarmos dos irmãos e irmãs que se encontram feridos na margem da estrada da vida (cf. Lc 10, 25-37). A Quaresma é tempo propício para procurar, e não evitar, quem passa necessidade; para chamar, e não ignorar, quem deseja atenção e uma boa palavra; para visitar, e não abandonar, quem sofre a solidão. Acolhamos o apelo a praticar o bem *para com todos*, reservando tempo para amar os mais pequenos e indefesos, os abandonados e desprezados, os discriminados e marginalizados (cf. Enc. *Fratelli tutti*, 193).”

**Vamos à procura do sentido exegético de JEJUM, ESMOLA e ORAÇÃO e, depois, à leitura que devemos fazer para hoje (hermenêutica) em tempo de CONVERSÃO. Antes, um caminho de claro esclarecimento do significado de recompensa no Evangelho.**

## Mt 6, 1-6.16-18

<sup>1</sup>«Tende cuidado em não praticar a vossa justiça diante dos homens para serdes vistos por eles! De contrário, **não tereis a recompensa do vosso Pai que está nos céus.** <sup>2</sup>Quando, pois, deres esmola, não faças soar a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas<sup>11</sup>, para serem glorificados pelos homens. **Amen vos digo: já receberam a sua recompensa.** <sup>3</sup>Tu, porém, quando deres esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita, <sup>4</sup>para que a tua esmola fique no segredo, e o teu Pai, que vê no segredo, **te recompensará.** <sup>5</sup>«Quando rezardes, não sejas como os hipócritas: gostam de rezar de pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos pelos homens. Amen vos digo: já receberam a sua **recompensa.** <sup>6</sup>Tu, porém, quando rezares, entra no teu quarto e, fechando a tua porta, reza ao teu Pai, que está no segredo; e o teu Pai, que vê no segredo, **te recompensará.**»

<sup>16</sup>«Quando jejuardes, não façais um ar pesaroso como os hipócritas que desfiguram os seus rostos para mostrarem aos homens que jejuam. **Amen vos digo: já receberam a sua recompensa.** <sup>17</sup>Tu, porém, quando jejuares, perfuma a tua cabeça e lava o teu rosto, <sup>18</sup>para não mostrares aos homens que jejuas, mas apenas ao teu Pai, que está no escondido; e o teu Pai, que vê no escondido, **te recompensará.**»

<sup>1</sup>. Também os discípulos do rabi Chamai condenavam a prática de prometer esmolas em público (cf. tShab 16,22), mesmo sendo considerada uma das boas ações fundamentais para um judeu (cf. mAvot 1,2; 2,7; mPe'ah 1,1).

2. Também os pagãos, os não judeus, julgavam poder pressionar a divindade (1Rs 18,27-28) apenas pela repetição de fórmulas oracionais. Disto também não se livrou o judaísmo (Sir 7, 14; Is 1, 15).

.....

5. O jejum era uma prática comum no judaísmo na preparação das grandes festas (cf. Ex 34,28; At 13,2s; 27,9-44) e frequente entre os fariseus.

6. Lit.: entesoureis.

## **Recompensa-Mérito (não é este o sentido do Pai e do Filho embora não esteja mal que aconteça); Recompensa-Confirmação (assim quer o Pai, o Abba, e o Filho – Jesus de Nazaré)**

### **1. A linguagem da recompensa como resultado do merecer/mérito.**

Não trabalhar bem esta linguagem, pode conduzir a um “minar” a vivência da nossa Fé.

É pena que a hierarquia católica não cuide da linguagem que encontramos no Missal das celebrações católicas. É tão frequente encontrarmos, no missal, linguagem do tipo:

- *Fazei, Senhor, que mereçamos....*
- *Nós, que celebramos, sejamos merecedores....*
- *Senhor, que encontremos mérito nas nossas ações ....*
- *Etc...*

....

Este critério de perceber a recompensa é profundamente antievangélico e contamina a nossa vivência da Fé ao jeito de Jesus de Nazaré. Coloca a tónica num Deus pagador/ retribuidor por razão dos nossos méritos e, ao invés, num Deus castigador na ausência de tais méritos. (*É urgente o bom entendimento da diferença entre a justiça retributiva e a justiça restauradora*).

### **2. A recompensa como uma superação do merecer/mérito.**

O que está em causa é diferente: **é uma maneira de viver, uma lógica ao jeito de Jesus de Nazaré, um estilo de vida, o metermo-nos na dinâmica do Reino de Deus e teremos a recompensa não só na eternidade, mas já hoje.** Talvez a distância entre religião e evangelho, como veremos adiante. A superação cristã que deve ser diferente da maneira de viver do judaísmo – vivência numa lógica farisaica.

A recompensa como prémio é um momento: a retribuição do mérito. A recompensa como confirmação, é uma história de vida com sentido e profundidade.

### **3. A recompensa negativa: o castigo ainda na perspectiva de recompensa = prémio.**

Quando há castigo ele é dado/infligido por nós. O castigo está dentro da lógica da desumanidade. O Pai, Deus, nunca castiga (ver Parábola da Misericórdia em Lucas). A justiça de Deus não é a justiça dos homens.

*O filho pródigo foi severamente castigado? Sim, não tenhamos dúvida.*

*Mas não foi o Pai que o castigou? Não. Ele (o filho pródigo) matou o Pai ao pedir-lhe a herança que só ocorre por morte. E o castigo começa quando nem comida (a dos porcos) acabou por merecer. Que castigo! Porém, o Pai recebeu-o em glória, em perdão pleno.*

### **4. Da Religião ao Evangelho**

Jesus de Nazaré, na passagem do Sermão da Montanha que hoje refletimos “desmonta” a vivência da religião judaica do seu tempo. **Esta, assentava no tripé: jejum, esmola, oração.** Mas, este tripé da mística ritual judaica prima por ser pouco mais que o vazio. Na lógica judaica cumprir ou não cumprir tem como resultado, o Céu (recompensa/mérito) ou a condenação (castigo). E este tripé era muitas vezes cumprido em exagero ritual: jejuar até ficar com rosto desfigurado, dar esmola tocando a trombeta, orar enchendo o espaço – a parábola do fariseu e do publicano é um espelho disso.

Como desmonta Jesus de Nazaré este tripé?

Comparando a recompensa ao jeito dos homens (o mérito pelo exibicionismo e como reconhecimento aos olhos dos homens), e, a recompensa aos olhos de Deus:

*Quando jejuardes, perfumai-vos, para que não vos reconheçam e elogiem;*

*Quando orardes, fazei-o no quarto e de porta fechada, pois Deus conhece-vos no segredo;*

*Quando derdes esmola, que a vossa mão esquerda não saiba o que fez a mão direita.*

Não procureis a glória (vã glória) dos homens. Fazei o que vos digo e receberéis em múltiplos de

100.

## Mc 10, 28-31

**Recompensa pelo desprendimento** <sup>28</sup>Pedro começou a dizer-lhe: «Eis que nós deixámos tudo e seguimos-te!». <sup>29</sup>Afirmou Jesus: «Ámen vos digo: não há ninguém que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos por causa de mim e por causa do evangelho, <sup>30</sup>que não receba, já neste tempo, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, juntamente com perseguições e, no tempo que há de vir, a vida eterna. <sup>31</sup>Porém, muitos primeiros serão últimos, e os últimos primeiros».

## Mt 19, 27-30

**Recompensa pelo desprendimento** <sup>27</sup>Então, em resposta, Pedro disse-lhe: «Eis que nós deixámos tudo e seguimos-te. Que recompensa teremos?». <sup>28</sup>Jesus disse-lhes: «Ámen vos digo: no tempo da renovação, quando o Filho do Homem se sentar no trono da sua glória, vós, que me seguistes, sentar-vos-eis também em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. <sup>29</sup>E todo aquele que tenha deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou campos por causa do meu nome, receberá cem vezes mais e herdará a vida eterna. <sup>30</sup>Porém, muitos primeiros serão últimos, e muitos últimos primeiros».

## Lc 18, 28-30

**Recompensa pelo desprendimento** <sup>28</sup>Disse-lhe Pedro: «Eis que nós deixámos as nossas coisas e te seguimos!». <sup>29</sup>Ele disse-lhes: «Ámen vos digo: não há ninguém que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais ou filhos por causa do reino de Deus <sup>30</sup>que não receba muito mais neste tempo e, no tempo que há de vir, a vida eterna».

### E nós, de que lado estamos?

Somos cristãos “à moda dos fariseus” ou, definitivamente, “calçamos os sapatos” de Jesus de Nazaré?

## 5. O jejum, a esmola e a oração à maneira de Jesus de Nazaré.

## Is 58, 4-12

### O jejum que agrada a Deus.

....

<sup>4</sup>Jejuais entre rixas e disputas, dando bofetadas sem dó nem piedade. Não jejueis como tendes feito até hoje, se quereis que a voz seja ouvida no alto. <sup>5</sup>Acaso é esse o jejum que me agrada, no dia em que o homem se mortifica? Curvar a cabeça como um junco, deitar-se sobre saco e cinza? Podeis chamar a isto jejum e dia agradável ao SENHOR? <sup>6</sup>O jejum que me agrada é este: libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, <sup>7</sup>repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus e não desprezar o teu irmão. <sup>8</sup>Então, a tua luz surgirá como a aurora, e as tuas feridas não tardarão a cicatrizar-se. A tua justiça irá à tua frente, e a glória do SENHOR atrás de ti. <sup>9</sup>Então invocarás o SENHOR e Ele te atenderá, pedirás auxílio e te dirá: «Aqui estou!» Se retirares da tua vida toda a opressão, o gesto ameaçador e o falar ofensivo, <sup>10</sup>se repartires o teu pão com o faminto e matares a fome ao pobre, a tua luz brilhará na tua escuridão, e as tuas trevas tornar-se-ão como o meio dia. <sup>11</sup>O SENHOR te guiará constantemente, saciará a tua alma no árido deserto, dará vigor aos teus ossos. Serás como um jardim bem regado, como uma fonte de águas inesgotáveis. <sup>12</sup>Reconstruirás ruínas antigas, levantarás sobre antigas fundações. Serás chamado: «Reparador de brechas, restaurador de casas em ruínas.»

## Lc 21, 1-4

**A generosidade da viúva pobre** <sup>1</sup>Ao levantar os olhos, viu os ricos a deitar os seus donativos na arca do tesouro. <sup>2</sup>Viu, então, uma viúva necessitada a deitar lá duas pequenas moedas <sup>3</sup>e disse: «**Em verdade vos digo: esta pobre viúva deitou mais do que todos; <sup>4</sup>pois todos estes deitaram do que lhes sobrava como donativo, mas esta, na sua penúria, deitou tudo o que tinha para viver**»

## Lc 11, 9-14

**Parábola do fariseu e do publicano** – <sup>9</sup>Disse também esta parábola para alguns que estavam convencidos de que eram justos, desprezando os demais: <sup>10</sup>«Dois homens subiram ao templo para rezar; um era fariseu e o outro publicano. <sup>11</sup>O fariseu, em pé, rezava para consigo: "Ó Deus, dou-te graças porque não sou como os demais homens, que são ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano. <sup>12</sup>Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo o que adquiro". <sup>13</sup>O publicano, porém, mantendo-se longe, nem os olhos queria levantar ao céu, mas batia no seu peito, dizendo: "Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador". <sup>14</sup>**Digo-vos: este desceu justificado para sua casa, ao contrário do outro. Porque todo o que se exalta será humilhado, mas o que se humilha será exaltado.** »

## Lc 11, 9-13

**Confiança na oração** – <sup>9</sup>«Também Eu vos digo: pedi e ser-vos-á dado, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á; <sup>10</sup>pois todo o que pede recebe, o que procura encontra, e ao que bate abrir-se-á. <sup>11</sup>Haverá algum pai entre vós a quem o filho peça um peixe, e em vez do peixe lhe dê uma serpente? <sup>12</sup>Ou que peça um ovo e lhe dê um escorpião? <sup>13</sup>**Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem.**»

## QUARESMA 2022

### Quaresma: Três conversões para um encontro pessoal com Cristo

#### **Conversão à escuta**

A primeira fase do caminho sinodal permite-nos escutar ainda mais de perto as vozes que ressoam dentro de nós e dos nossos irmãos. Entre estas vozes, as das crianças tocam-nos com a sua eficaz espontaneidade: «Não me recordo do que havia antes do Covid»; «só tenho um desejo: voltar a abraçar os meus avós». Chegam ao coração também as palavras dos adolescentes: «Estou a perder os anos mais belos da minha vida»; «esperei tanto poder ir para a universidade, mas agora estou sempre à frente de um computador». As vozes dos peritos, depois, solicitam à confiança em relação à ciência, ainda que sublinham o quanto ela é falível e aperfeiçoável. Chega também até nós o grito dos técnicos de saúde, que pedem para serem ajudados com comportamentos responsáveis. E, enfim, ressoam as palavras de alguns párcos, juntamente com os seus catequistas e colaboradores pastorais, que veem diminuir o número das atividades e a participação do povo, preocupados por não conseguirem regressar aos níveis de antes, mas ao mesmo tempo conscientes de que não se deve simplesmente sonhar um retorno à denominada “normalidade”.

Escutar em profundidade todas estas vozes antes de tudo faz bem à própria Igreja. Sentimos a necessidade de aprender a escutar de maneira empática, interpelados na primeira pessoa de cada vez que um irmão se abre connosco. Na Bíblia, é antes de tudo Deus que escuta o grito do seu povo sofredor e se move compaixão pela sua salvação (cf. Êxodo 3, 7-9). Mas depois a escuta é o imperativo dirigido ao crente, que ressoa também na boca de Jesus como o primeiro e maior dos mandamentos: «Escuta, Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor» (Marcos 12, 29; cf. Deuterónimo 6, 4). A este género de escuta a Escritura liga diretamente o amor para com os irmãos (cf. Marcos 12, 31). Ler, meditar e rezar a Palavra de Deus significa preparar o coração para amar sem limites.

***Não cedamos à tentação de um passado idealizado ou de uma expectativa do futuro desde a sacada da janela. Antes, é urgente a obediência ao presente, sem se deixar vencer pelo medo que paralisa, pelos lamentos ou pelas ilusões. A atitude do cristão é a da perseverança***

A escuta transforma por isso primeiro que tudo aquele que escuta, esconjurando o risco da arrogância e da autorreferencialidade. Uma Igreja que escuta é uma Igreja sensível também ao sopro do Espírito. Neste sentido, pode ser útil retomar (...) [estas palavras]: «A escuta não é uma simples técnica para tornar o anúncio mais eficaz; a escuta é ela própria anúncio, porque transmite ao outro uma mensagem balsâmica: “Tu, para mim, és importante, mereces o meu tempo e a minha atenção, és portadora de experiências e ideias que me provocam e me ajudam a crescer”. Escuta da Palavra de Deus e escuta dos irmãos e das irmãs seguem ao mesmo passo. A escuta dos últimos, depois, é na Igreja particularmente preciosa, pois repropõe o estilo de Jesus, que prestava escuta aos pequenos, aos doentes, às mulheres, aos pecadores, aos pobres, aos excluídos».

Esta primeira conversão implica uma atitude de abertura em relação à voz de Deus, que nos chega através da Escritura, dos irmãos e dos acontecimentos da vida. Que obstáculos encontra ainda a escuta livre e sincera da parte da Igreja? Como podemos melhorar na Igreja o modo de escutar?

***Nos primeiros meses da pandemia assistimos a um sobressalto de humanidade, que favoreceu a caridade e a fraternidade. Depois este impulso inicial foi aos poucos esmorecendo, dando lugar ao cansaço, à desconfiança, ao fatalismo, ao fechamento em si próprio, à culpabilização do outro e ao descompromisso. Mas a fé não é uma varinha mágica***

#### **Conversão à realidade**

«Quando veio a plenitude do tempo» (Gálatas 4, 4). Com estas palavras, Paulo anuncia o mistério da encarnação. O Deus cristão é o Deus da história; é-o a tal ponto, que decidiu incarnar-se num espaço e num tempo precisos. É impossível dizer o que Deus viu de particular naquele tempo preciso, a ponto de o

eleger como o momento apropriado para a encarnação. Decerto a presença do Filho de Deus entre nós foi a prova definitiva de quanto a história dos seres humanos é importante aos olhos do Pai.

A época em que Jesus viveu não se pode, certamente, definir como a idade do ouro: pelo contrário, a violência, as guerras, a escravidão, as doenças e a morte eram muito mais invasivas e frequentes na vida das pessoas do que o são hoje. Naquela época e naquela terra morria-se seguramente mais e com maior dramática facilidade do que acontece hoje. E todavia, naquela circunstância da história humana, apesar das suas sombras, Deus viu e reconheceu «a plenitude dos tempos».

A ancoragem à realidade histórica caracteriza, portanto, a fé cristã. Não cedamos à tentação de um passado idealizado ou de uma expectativa do futuro desde a sacada da janela. Antes, é urgente a obediência ao presente, sem se deixar vencer pelo medo que paralisa, pelos lamentos ou pelas ilusões. A atitude do cristão é a da perseverança: «Se é o que não vemos que esperamos, então é com paciência que o temos de aguardar» (Romanos 8, 25). Esta perseverança é o comportamento quotidiano do cristão que sustém o peso da história (cf. 2 coríntios 6, 4), pessoal e comunitária

***Permanecer fiéis à realidade do tempo presente não equivale a ficar pela superfície dos factos nem a legitimar cada situação em curso. Trata-se, antes, de colher «a plenitude do tempo» ou de vislumbrar a ação do Espírito, que torna cada época um «tempo oportuno»***

Nos primeiros meses da pandemia assistimos a um sobressalto de humanidade, que favoreceu a caridade e a fraternidade. Depois este impulso inicial foi aos poucos esmorecendo, dando lugar ao cansaço, à desconfiança, ao fatalismo, ao fechamento em si próprio, à culpabilização do outro e ao descompromisso. Mas a fé não é uma varinha mágica. Quando as soluções para os problemas requerem percursos longos, é preciso paciência, a paciência cristã, que foge de atalhos simplistas e permite permanecer sólido no compromisso pelo bem de todos, e não para uma vantagem egoísta ou de fação. Não terá sido esta, talvez, “a paciência de Cristo” (2 Tessalonicenses 3, 5), que se exprimiu em grau supremo no mistério pascal? Não terá sido, talvez, esta a sua firme vontade de amar a humanidade sem se lamentar e sem se poupar? (cf. João 13, 1)?

Como comunidade cristã, mais do que como crentes singulares, devemos reapropriar-nos do tempo presente com paciência e permanecer na adesão à realidade. Sentimos, por isso, que é urgente a tarefa eclesial de educar para a verdade, contribuindo para colmatar a diferença entre realidade e falsa perceção da realidade. Nesta “separação” entre a realidade e a sua perceção aninha-se o germen da ignorância, do medo e da intolerância. Mas é esta a realidade que nos é dada e que somos chamados a amar com perseverança.

Esta segunda conversão diz então respeito ao compromisso em documentar-se com seriedade e liberdade de mente, e a suportar que há problemas que não podem ser resolvidos em breve tempo e com pouco esforço. Que pré-compreensões rígidas impedem de nos deixarmos convencer pelas novidades que provêm da realidade. De quanta paciência é capaz o coração dos crentes na construção de soluções para a vida das pessoas e da sociedade?

***O Espírito pede ao crente para considerar ainda hoje a realidade em chave pascal, como Jesus testemunhou, e não como o mundo a vê. Para o discípulo, uma derrota pode ser uma vitória, uma perda uma conquista***

### ***Conversão à espiritualidade***

Permanecer fiéis à realidade do tempo presente não equivale, no entanto, a ficar pela superfície dos factos nem a legitimar cada situação em curso. Trata-se, antes, de colher «a plenitude do tempo» ou de vislumbrar a ação do Espírito, que torna cada época um «tempo oportuno».

A época em que Jesus viveu foi fundamental por via da sua presença no interior da história humana e, em particular, de quem entrava em contacto com Ele. Os seus discípulos continuaram a viver a sua vida naquele contexto histórico, com todas as suas contradições e os seus limites: mas a sua companhia modificou o modo de estar no mundo. O Mestre de Nazaré ensinou-os a serem protagonistas daquele tempo através da fé no Pai misericordioso, a caridade para com os últimos e a esperança num renovamento interior

das pessoas. Para os discípulos, foi Jesus que deu sentido a uma época que, de outra forma, teria tido outros critérios humanos para ser julgada.

Após a sua morte, da ausência física de Jesus floresceu a vida eterna do Ressuscitado e a presença do Espírito na Igreja: «Eu apelarei ao Pai e Ele vos dará outro Paráclito para que esteja sempre convosco, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós é que o conheceis, porque permanece junto de vós, e está em vós. Não vos deixarei órfãos» (João 14, 16-18; cf. Atos 2, 1-13). O Espírito pede ao crente para considerar ainda hoje a realidade em chave pascal, como Jesus testemunhou, e não como o mundo a vê. Para o discípulo, uma derrota pode ser uma vitória, uma perda uma conquista. Começar a viver a Páscoa, que nos atende no termo do tempo da Quaresma, significa considerar a história na ótica do amor, mesmo se este comporta carregar a cruz própria e do outro (cf. Mateus 16, 24; 27, 32; Colossenses 3, 13; Efésios 4, 1-3).

***Para o cristão, este não é simplesmente o tempo marcado pelas restrições devidas à pandemia: é, antes, um tempo do Espírito, um tempo de plenitude, porque contém oportunidades de amor criativo que em nenhuma outra época histórica se tinham apresentado***

O caminho sinodal está a fazer amadurecer nas Igrejas (...) um modo novo de escutar a realidade para a julgar de modo espiritual e produzir opções mais evangélicas. O Espírito, com efeito, não aliena da história: enquanto radica no presente, impele a mudá-lo para melhor. Para se permanecer fiel à realidade e tornar-se, ao mesmo tempo, construtor de um mundo melhor, requer-se uma interiorização profunda do estilo de Jesus, do seu olhar espiritual, da sua capacidade de ver por todo o lado ocasiões para mostrar quanto é grande o amor do Pai.

Para o cristão, este não é simplesmente o tempo marcado pelas restrições devidas à pandemia: é, antes, um tempo do Espírito, um tempo de plenitude, porque contém oportunidades de amor criativo que em nenhuma outra época histórica se tinham apresentado.

Talvez não sejamos ainda suficientemente livres de coração para reconhecer estas oportunidades de amor, porque travados pelo medo ou condicionados por expectativas irrealistas. Enquanto o Espírito, em vez disso, continua a trabalhar como sempre. Que ação do Espírito é possível reconhecer neste nosso tempo? Indo para além dos meros factos que acontecem no nosso presente, que leitura espiritual podemos fazer da nossa época, para progredir espiritualmente como pessoas singulares e como comunidade crente?

Conferência Episcopal Italiana  
Mensagem para a Quaresma 2022  
Fonte: Conferência Episcopal Italiana  
Tradução: Rui Jorge Martins  
Publicado em 21.02.2022  
Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura

## 06 março 2022 - ANO C 1º DOMINGO DA QUARESMA

### LEITURA I – Deut 26,4-10

O livro do Deuterónimo – do qual é retirada a primeira leitura de hoje – é aquele “livro da Lei” ou “livro da Aliança” descoberto no Templo de Jerusalém no 18º ano do reinado de Josias (622 a. C.) (cf. 2 Re 22). Neste livro os teólogos deuteronomistas – originários do norte mas, entretanto, refugiados no sul, em Jerusalém, após as derrotas dos reis do norte (Israel) frente aos assírios – apresentam os dados fundamentais da sua teologia: há um só Deus, que deve ser adorado por todo o Povo num único local de culto (Jerusalém); esse Deus amou e elegeu Israel e fez com ele uma aliança eterna; e o Povo de Deus deve ser um povo único, unido, a propriedade pessoal de Jahwéh (portanto, não têm qualquer sentido as divisões históricas que levaram o Povo de Deus à divisão política e religiosa, após a morte do rei Salomão).

O livro apresenta-se, literariamente, como um conjunto de discursos de Moisés, pronunciados nas planícies de Moab: antes de entrar na Terra Prometida, Moisés lembra ao Povo os seus compromissos para com Deus e convida os israelitas a renovar a sua aliança com Jahwéh.

Em concreto, o texto que hoje nos é apresentado faz parte de um bloco (cf. Dt 12-26) que apresenta “as leis e os costumes” que o Povo da aliança devia pôr em prática nessa terra da qual iria, em breve, tomar posse. Uma dessas leis pedia que fossem oferecidos ao Senhor os primeiros frutos da terra e que o israelita fiel proclamasse, nesse contexto, a sua “confissão de fé”. Provavelmente, o costume é de inspiração cananeia: cada ano, por ocasião da recolha dos produtos da terra, o cananeu celebrava uma festa em honra de Baal, divindade da fecundidade e da vegetação, agradecendo-lhe os dons da terra. Israel, no entanto, sabia que não era a Baal, mas a Jahwéh que devia agradecer tudo; a sua confissão de fé centrava-se, então, na ação de Deus em favor do seu Povo, sublinhando sobretudo a libertação do Egípto, os acontecimentos da marcha pelo deserto, a eleição e o dom da Terra.

|  |   |
|--|---|
| Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto   | Leitura do Livro do Deuterónimo ///   |
| <p>Leitura simples! Ler bem, boa dicção, tom narrativo.<br/>No <i>itálico</i>, preparar com boa entoação e pausa o discurso que se segue.</p> <p>No <u>sublinhado</u> preparar com ênfase a <i>confissão de fé</i> que se segue.</p> | <p>Moisés falou ao povo, <i>dizendo: //</i><br/>«O sacerdote receberá da tua mão /<br/>as primícias dos frutos da terra /<br/>e colocá-las-ás diante do altar do Senhor teu Deus. //</p> <p>E diante do Senhor teu Deus, <u>dirás as seguintes palavras: //</u><br/><i>'Meu pai era um arameu errante, /<br/>que desceu ao Egipto com poucas pessoas, /<br/>e aí viveu como estrangeiro /<br/>até se tornar uma nação grande, forte e numerosa. //</i><br/><i>Mas os egípcios maltrataram-nos, oprimiram-nos /<br/>e sujeitaram-nos a dura escravidão. //</i><br/><i>Então invocámos o Senhor Deus dos nossos pais /<br/>e o Senhor ouviu a nossa voz, /<br/>viu a nossa miséria, o nosso sofrimento /<br/>e a opressão que nos dominava. //</i><br/><i>O Senhor fez-nos sair do Egipto /<br/>com mão poderosa e braço estendido, /<br/>espalhando um grande terror e realizando sinais e<br/>prodígios. //</i><br/><i>Conduziu-nos a este lugar e deu-nos esta terra, /<br/>uma terra onde corre leite e mel. //</i><br/><i>E agora venho trazer-Vos as primícias dos frutos da terra<br/>que me destes, Senhor'. ///</i></p> <p><b>Então colocarás diante do Senhor teu Deus /<br/>as primícias dos frutos da terra /<br/>e te prostrarás diante do Senhor teu Deus».</b> ///</p> |
| Concluir a leitura, com o <b>negrito</b> bem lido!   |   |
| Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.   | <b>Palavra do Senhor</b>  |

## 06 março 2022 - ANO C - 1º DOMINGO DA QUARESMA

### LEITURA II – Rom 10,8-13

A Carta aos Romanos é considerada, por alguns exegetas, a “carta da reconciliação”. Estamos nos anos 57/58; a convivência entre judeo-cristãos e pagano-cristãos apresenta algumas dificuldades, dadas as diferenças sociais, culturais e religiosas subjacentes aos dois grupos. A comunidade cristã corre o risco de radicalizar as incompatibilidades e de se dividir... Nesta situação, Paulo escreve para sublinhar aquilo que a todos une. O centro da carta seria, de acordo com esta perspectiva, 15,7: “Acolhei-vos, pois, uns aos outros, como Cristo vos acolheu, para glória de Deus”.

O texto da segunda leitura pertence à primeira parte da carta (Rom 1-11); o título desta parte pode ser: o Evangelho de Jesus é a força que congrega e que salva todo o crente (judeus e pagãos). Depois de demonstrar que todos os homens vivem mergulhados num ambiente de pecado (Rom 1,18-3,20), mas que a “justiça de Deus” dá a vida a todos sem distinção (Rom 3,21-5,11) e que é em Jesus que essa vida se comunica (Rom 5,12-8,39), Paulo reflecte sobre o desígnio de Deus a respeito de Israel (Rom 9,1-11,36).

Neste texto, em concreto, Paulo põe em relevo aquilo que une judeus e gregos: a mesma fé em Jesus Cristo e na proposta de salvação que Ele traz.

|   |   |
|---|---|
| Dopoís de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto                                      | Leitura da Epístola do Apóstolo São Paulo aos Romanos ///   |
| Cuidar bem da pontuação e pausas!<br>Ler exortativamente o <i>itálico</i> .<br>Entoar bem o <u>sublinhado</u> . | <i>Irmãos: //</i><br><u>Que diz a Escritura? //</u><br>«A palavra está perto de ti, /<br>na tua boca e no teu coração». //  |
| Valorizar o <b>negrito</b> , como ideia importante.   | Esta é a palavra da fé que nós pregamos. //<br><b>Se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor /<br/>e se acreditares no teu coração /<br/>que Deus O ressuscitou dos mortos, /<br/>serás salvo. ///</b>                        |
| Ler em tom diferente o <i>itálico</i> .   | Pois com o coração se acredita para obter a justiça /<br>e com a boca se professa a fé para alcançar a salvação. //<br><i>Na verdade</i> , a Escritura diz: //<br>«Todo aquele que acreditar no Senhor /<br>não será confundido». /// |
| O <i>itálico</i> em tom diferente.<br>O <b>negrito</b> lido afirmativamente, em jeito de conclusão.             | Não há diferença entre judeu e grego: //<br>todos têm o mesmo Senhor, /<br>rico para com todos os que O invocam. //<br><b>Portanto, todo aquele que invocar o nome do Senhor<br/>será salvo. ///</b>                                  |
| Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.                                    | <b>Palavra do Senhor</b>  |

## 13 março 2022 - ANO C - 2º DOMINGO DA QUARESMA

### LEITURA I – Gen 15,5-12.17-18

A primeira leitura de hoje faz parte das chamadas “tradições patriarcais” (Gn 12-36). São “tradições” que misturam “mitos de origem” (descreviam a “tomada de posse” de um lugar pelo patriarca do clã), “lendas culturais” (narravam como um deus tinha aparecido nesse lugar ao patriarca do clã), indicações mais ou menos concretas sobre a vida dos clãs nómadas que circularam pela Palestina e reflexões teológicas posteriores destinadas a apresentar aos crentes israelitas modelos de vida e de fé.

Os clãs referenciados nas “tradições patriarcais” – nomeadamente os de Abraão, Isaac e Jacob – tinham os seus sonhos e esperanças. O denominador comum desses sonhos era a esperança de encontrar uma terra fértil e bem irrigada, bem como possuir uma família forte e numerosa que perpetuasse a “memória” da tribo e se impusesse aos inimigos. O deus aceite pelo grupo era o potencial concretizador desse ideal.

É neste “ambiente” que este texto nos coloca. Diante de Deus, Abraão lamenta-se (cf. Gn 15,2-3) porque a sua vida está a chegar ao fim e o seu herdeiro será um servo – Eliezer (conhecemos contratos do séc. XV a. C. onde se estipula, em caso de falta de filhos, a adopção de escravos que, por sua vez, se comprometiam a dar ao seu senhor uma sepultura conveniente. Parece ser a esse costume que o texto alude). Qual será a resposta de Deus ao lamento de Abraão?

|  |  |
|--|--|
| Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto   | Leitura do Livro do Génesis ///  |
| Leitura fácil! Muita atenção ao diálogo!                                     | <i>Naqueles dias, /</i><br>Deus levou <b>Abrão</b> para fora de casa e disse-lhe: //<br><i>«Olha para o céu e conta as estrelas,<br/>se as puderes contar». //</i><br>E acrescentou: //<br><i>«Assim será a tua descendência». ///</i><br><b>Abrão</b> acreditou no Senhor, /<br>o que lhe foi atribuído em conta de justiça. //<br>Disse-lhe Deus: //<br><i>«Eu sou o Senhor /</i><br><i>que te mandou sair de Ur dos caldeus, /</i><br><i>para te dar a posse desta terra». //</i><br><b>Abrão</b> perguntou: //<br><i>«Senhor, meu Deus, /</i><br><i>como saberei que a vou possuir?» //</i><br>O Senhor respondeu-lhe: //<br><i>«Toma uma vitela de três anos, /</i><br><i>uma cabra de três anos e um carneiro de três anos, /</i><br><i>uma rola e um pombinho». ///</i> |
| Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.<br>Ler <b>ABRÃO</b> e não A-BRA-ÃO.   |  |
| Valorizar expressivamente os <i>itálicos</i> (discurso direto).              |  |
| Cuidar da entoação da <u>interrogação</u> .                                  | <b>Abrão</b> foi buscar todos esses animais, //<br>cortou-os ao meio /<br>e pôs cada metade em frente da outra metade; //<br>mas não cortou as aves. //<br>Os abutres desceram sobre os cadáveres, /<br>mas <b>Abrão</b> pô-los em fuga. //<br><i>Ao pôr do sol, /</i><br>apoderou-se de <b>Abrão</b> um sono profundo, /<br>enquanto o assaltava um grande e escuro terror. //<br><i>Quando o sol desapareceu e caíram as trevas, /</i><br>um brasido fumegante e um <u>archote</u> de fogo /<br>passaram entre os animais cortados. /<br>Nesse dia, o Senhor estabeleceu com <b>Abrão</b> uma aliança, /<br>dizendo: //<br><i>«Aos teus descendentes darei esta terra, /</i><br><i>desde o rio do Egipto até ao grande rio Eufrates». ///</i>                                |
| Lê-se <u>AR-CHÓ-TE</u> .   |  |
| Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder. | <b>Palavra do Senhor</b>   |

## LEITURA II (Filip 3,17-4,1)

Na prisão (em Éfeso?), Paulo agradece aos Filipenses a preocupação manifestada (eles até enviaram dinheiro e um membro da comunidade para ajudar Paulo no cativeiro), dá notícias, exorta-os à fidelidade e põe-nos de sobreaviso em relação aos falsos pregadores do Evangelho de Jesus. Estamos no ano 56/57, provavelmente.

O texto que nos é proposto como segunda leitura faz parte de um longo desenvolvimento, no qual Paulo avisa os Filipenses para que tenham cuidado com “os cães”, os “maus obreiros”, os “falsos circuncidados”. Quem são estes, a quem Paulo se refere de uma forma tão pouco delicada? Muito provavelmente, são esses cristãos de origem judaica (“judaizantes”) que se consideravam os únicos perfeitos e detentores da verdade, que exigiam aos cristãos o cumprimento da Lei de Moisés e que, dessa forma, lançavam a confusão nas comunidades cristãs do mundo helénico. As duras palavras de Paulo resultam da sua revolta diante daqueles que, com a sua intolerância, com o seu orgulho e auto-suficiência, confundiam os cristãos e punham em causa o essencial da fé (o Evangelho não é o cumprimento de ritos externos, mas a adesão à proposta gratuita de salvação que Deus nos faz em Jesus).

|  |  |
|--|--|
| Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto   | Leitura da Epístola do Apóstolo São Paulo aos Filipenses ///   |
| Ler exortativamente o <b>Irmãos</b> .  | <b>Irmãos: //</b>  |
| Ler em tom diferente o <i>itálico</i> .                                      | <i>Sede meus imitadores /<br/>e ponde os olhos naqueles /<br/>que procedem segundo o modelo que tendes em nós. //</i>  |
| Paulo identifica os inimigos da cruz de Cristo. Ler calmamente.              | <i>Porque há muitos, /<br/>de quem tenho falado várias vezes /<br/>e agora falo a chorar, /<br/>que <b>procedem como inimigos da cruz de Cristo. //</b></i>  |
| Cuidar do <i>itálico</i> e do <u>sublinhado</u> .                            | <i>O fim deles é a perdição: //<br/>têm por deus o ventre, /<br/>orgulham-se da sua vergonha /<br/>e só apreciam as coisas terrenas. ///</i>   |
| Ler o <i>itálico</i> em tom diferente.                                       | <i>Mas a nossa pátria está nos Céus, /<br/>donde esperamos, <u>como Salvador, o Senhor Jesus Cristo,</u> /<br/>que transformará o nosso corpo miserável, /<br/>para o tornar semelhante ao seu corpo glorioso, /<br/>pelo poder que Ele tem /<br/>de sujeitar a Si todo o universo. //</i> |
| Enfatizar o <u>sublinhado</u> .<br>Valorizar o <b>negrito</b> .              | <i>Portanto, meus amados e queridos irmãos, /<br/><u>minha alegria e minha coroa,</u> /<br/><b>permanecei firmes no Senhor. ///</b></i>  |
| Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder. | <b>Palavra do Senhor</b>   |

# Oração de São Francisco



Senhor,  
Fazei de mim um instrumento de vossa Paz.  
Onde houver Ódio, que eu leve o Amor,  
Onde houver Ofensa, que eu leve o Perdão.  
Onde houver Discórdia, que eu leve a União.  
Onde houver Dúvida, que eu leve a Fé.  
Onde houver Erro, que eu leve a Verdade.  
Onde houver Desespero, que eu leve a Esperança.  
Onde houver Tristeza, que eu leve a Alegria.  
Onde houver Trevas, que eu leve a Luz!  
Ó Mestre,  
fazei que eu procure mais:  
consolar, que ser consolado;  
compreender, que ser compreendido;  
amar, que ser amado.  
Pois é dando, que se recebe.  
Perdoando, que se é perdoado e  
é morrendo, que se vive para a vida eterna!  
*Amém*